

cerca de 8 mil títulos (a Biblioteca guarda hoje mais de 40 mil teses; cerca de 500 teses são enviadas por mês pelas diversas universidades do país); a gestão anterior não teve interrompidas as suas metas, notando-se mesmo uma certa continuidade técnica e administrativa. Apesar dos clássicos problemas financeiros, agravados por um significativo corte orçamentário de 32% em janeiro de 1986, conseguiu-se dar prosseguimento a diversos projetos culturais e administrativos.

O Plano de Cargos e Salários foi outra decisão desastrosa da Pró-Leitura, uma vez que a maioria dos funcionários da Biblioteca teve o desprazer de se ver enquadrada em níveis não condizentes com o seu tipo de tarefa ou com o seu tempo de serviço. O acervo, sempre crescente, amplificava os problemas já prementes do espaço físico da Casa. Tentou-se resolver o grave problema das instalações de luz e força, mas um novo e ainda mais doloroso corte orçamentário (de 64,3%), no exercício de 1987, impediu qualquer avanço. Entretanto, foram publicados todos os volumes da *Bibliografia Brasileira* relativos aos anos de 1984, 85 e 86.

A dependência da Biblioteca em relação à Pró-Leitura, além de tirar da Diretoria-Geral toda e qualquer iniciativa relativamente às atividades-fins, minava, também, a própria autoridade dos dirigentes. Os funcionários se revoltavam com frequência, exigiam melhor enquadramento, melhores salários, condições mais condignas de trabalho, e a Diretoria-Geral, de mãos atadas, nada podia fazer. A distribuição de verba, única para toda a Pró-Leitura, era uma verdadeira guerra por migalhas, por sobras, jamais suficientes. A Associação dos Servidores da Fundação Pró-Leitura (ASPL) – não havia então uma associação de servidores da Biblioteca –, refletindo a angústia dos seus membros, não dava descanso à Diretoria-Geral, nas suas reivindicações. Tentou-se, de todas as maneiras, o enquadramento dos funcionários, mesmo dentro dos moldes férreos da Pró-Leitura, renunciando-se deste modo ao seu próprio *status*, mas nem isto foi possível. Até que, sentindo-se impotente diante das autoridades do país e ao mesmo tempo incompreendida pelos funcionários da Casa, a diretora-geral Maria Alice Barroso, que na prática não passava de uma simples chefe de